

DEPÓSITO LEGAL
-5.FEV.1972

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1972

1 de Fevereiro

Director: **Guilherme Pereira da Rosa**
Editor: **Eduardo Figueiredo Júnior**

Redacção, administração e oficinas:
R. de «O Seculo», 41 a 63—LISBOA

ANO 66.º

NÚMERO 1036

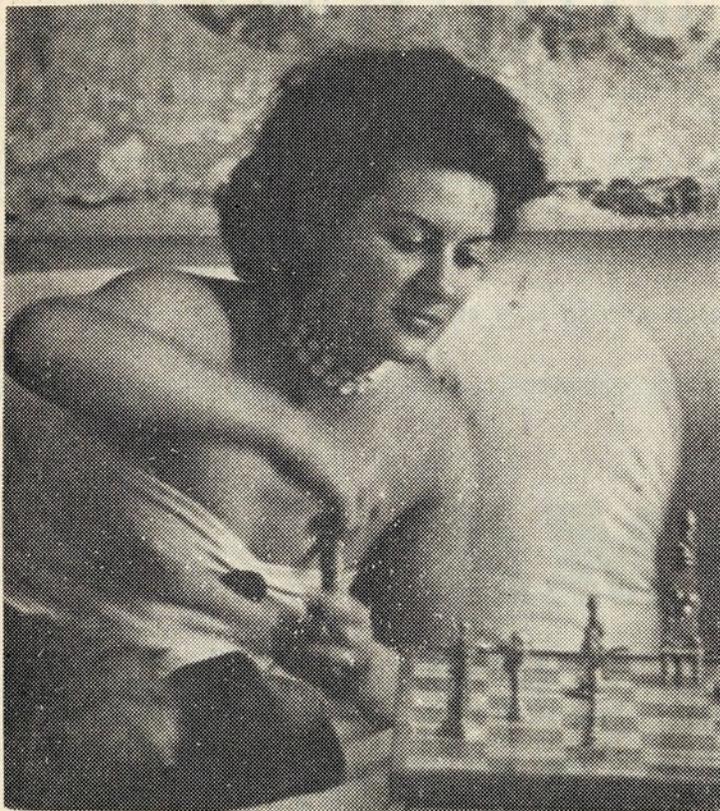
TELEFONE 362751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR
TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO

PALOMA QUER SER FILHA DE PICASSO



Obras dos mais célebres artistas do nosso tempo ornamentam as paredes do palácio onde vivem Miguel Berrocal e Paloma Picasso



Paloma Picasso

O nome de Paloma Picasso, a filha mais nova do grande pintor espanhol (cujo 90.º aniversário foi recentemente comemorado em todo o mundo) voltou de novo às páginas dos jornais, em virtude do pedido de reconhecimento de paternidade ilegítima que há poucos dias apresentou no tribunal de Grasse, no Sul da França, ao abrigo da nova lei francesa sobre a filiação natural. Entretanto, a jovem Paloma, de 22 anos, vive tranquilamente num palacete nos arredores de Verona e «justifica» o pedido judicial pelo seu enorme desejo de voltar a ver e abraçar o pai, como nos tempos em que era pequena (e em que Picasso ainda não voltara a casar).

Há 7 anos, ao ler uma biografia de Picasso, o escultor espanhol Miguel Ortiz Berrocal viu um desenho que o impressionou vivamente: tratava-se do retrato de uma criança de poucos anos, gorda e com um grande laçarote na cabeça, entre os braços da mãe. «Nessa altura, ainda não sabia de quem se tratava, mas gostei tanto daquela figura que até me servi dela como modelo para uma escultura. Alguns meses depois, durante uma breve estada em Paris, abri uma revista e deparei com aquele mesmo rosto. Era já o de uma rapariga de 15 anos, mas, apesar da diferença de idades, reconheci imediatamente nela a criança desenhada por Picasso que tanto me impressionara.»

Só então, Berrocal soube que aquele retrato era da própria filha do grande pintor, Paloma,

que então iniciava os seus primeiros passos no campo da arte, expondo em Paris algumas das jóias que criara. «A partir desse momento — conta o escultor — senti uma irresistível vontade de conhecê-la: telefonei-lhe, expliquei-lhe que estava muito interessado nas suas jóias e que, por isso, desejava encontrar-me com ela. O nosso primeiro «rendez-vous» foi num pequeno restaurante, onde reservara uma mesa para dois. Desde então, nunca mais nos abandonámos.»

Hoje Paloma Picasso tem 22 anos, e, desde há 4 meses, compartilha com Berrocal o imenso palácio renascentista que este possui na pequena aldeia de Negrar perto de Verona. O excêntrico escultor não poupa os adjetivos, quando se refere à sua musa: «Amo tudo em Paloma, a sua fres-

cura, os seus 22 anos, a inocência e a candura que esconde por detrás de um temperamento aparentemente forte.» E não hesita em declarar-se noivo de Paloma, apenas esperando o divórcio da sua primeira mulher para poder casar com a filha de Picasso.

Esta, porém, é muito mais comedida: quando lhe falam do «noivo», responde simplesmente que «o sr Berrocal é um escultor famoso, que se ofereceu para me ajudar a criar e produzir as minhas jóias. Aceitei de muito boa vontade a sua colaboração». E, quanto a futuros projectos matrimoniais, a resposta ainda é mais vaga: «Prefiro viver apenas o presente, dia após dia. Nunca penso naquilo que virá a ser o futuro.»

DILETANTE E UM POUCO EXCÊNTRICO

O presente, para a filha mais nova do nonagenário Picasso, é um palácio perdido entre as verdejantes colinas de Negrar e um homem 16 anos mais velho do que ela, excêntrico e muito rico: Miguel Berrocal. Natural da Andaluzia, Berrocal (de 38 anos) é um dos mais célebres escultores do nosso tempo e tem obras expostas em alguns dos mais importantes museus do mundo, entre os quais os Museus de Arte Moderna de Paris e Nova Iorque, a Land Galerie de Hanôver e a Galeria Nacional de Berlim.

A sua maneira, é um dos últimos abencerragens do artista dileitante um pouco excêntrico. Vive como um pequeno rei no seu luxuoso palácio, rodeado por centenas de preciosas obras de arte antigas e contemporâneas. Sobre a cama, coberta por uma simples manta de lã multicolor, mandou instalar um maravilhoso fresco do século XV, prodigiosamente conservado, em nítido contraste com as obras de Miró, Max Ernst, Magritte e Dalí e o mobiliário ultramoderno que enchem o resto das salas. Adquiriu também o retrato de Paloma, assinado pelo seu célebre pai, que tanto o impressionara há sete anos.

Para que não restem dúvidas sobre a sua excêntrica, Berrocal passeia-se, majestosamente, em calções e roupão bordado a ouro, com um pequeno leopardo (oferecido por Salvador Dalí) pela trela, nos jardins e

escadarias de mármore que rodeiam o seu «túgúrio», como lhe chama.

Talvez mais do que escultor excêntrico, porém, Berrocal é um dos mais reputados peritos em fusão de metais em todo o mundo. Foi por essa razão que, há alguns anos, se instalou em Negrar, uma modesta aldeia de 10 mil habitantes, que tem a particularidade de nela viverem os mais afamados mestres fundidores, muitos deles directamente descendentes dos artesãos renascentistas que executaram as principais obras do período de ouro da estatuária italiana.

Berrocal é o verdadeiro «rei» desta pequena região de autênticos artistas. Recentemente, comprou a maioria das acções das principais fundições de Negrar, onde trabalham cerca de duas centenas de operários, e dirige a execução das encomendas dos maiores nomes da arte contemporânea: Dalí, Miró, César e muitos outros.

Contudo, nem a sua carreira artística nem os profundos conhecimentos de que dá provas em matéria de fusão de metais explicam o interesse que Miguel Ortiz Berrocal tem despertado nos últimos tempos. A verdadeira razão reside, principalmente, na jovem Paloma.

«NÃO VOLTAREI A VÊ-LO»

Com 22 anos e um nome já firmado na difícil arte da joalheria, Paloma parece saber muito bem aquilo que quer. Apesar das vultosas quantias que ganha com as suas jóias, que assina apenas com «Paloma» (sem «Picasso», para que não possa insinuar-se que fez a sua carreira à sombra do pai), a filha do grande pintor veste com extrema simplicidade, com uma vincada predilecção pela moda dos anos 40 e a mesma simplicidade de gostos que é timbre de Picasso. Corre à boca-pequena, aliás, que a sobriedade da vida do grande pintor se deve apenas à sua extraordinária avareza. Apesar do conflito judicial com o pai, em que actualmente se encontra empenhada, Paloma insurge-se contra a acusação:

«Numa grande sala anexa ao estúdio, o meu pai conserva há anos um número enorme de quadros valiosíssimos, dele e de outros autores. Só essas obras representam uma enorme fortuna. Mas isso não é nada: o meu pai é, certamente, um

dos homens mais ricos do mundo. O facto é que, para ele, o dinheiro não tem qualquer valor é apenas um meio para viver livre e não depender de ninguém. O dinheiro é também um meio para manifestar a sua generosidade: sei que numerosas vezes ajudou muita gente por interposta pessoa, de modo que não se soubesse que a ajuda vinha dele.»

Como seria inevitável, não falta quem insinue que o pedido de reconhecimento de paternidade ilegítima, agora depositado por Paloma no tribunal de Grasse, tem em vista apenas obter para a jovem o estatuto de herdeira do fabuloso espólio que será deixado por Picasso. Paloma contesta, indignada, a insinuação. E acrescenta: «Quando era pequena, eu era a única pessoa cuja presença meu pai suportava enquanto pintava. Ele adorava-me. Eu pegava nos tubos das tintas, num bocado de cartão e começava a

desenhar. O meu pai observava aquilo que eu fazia, mas nunca dava a sua opinião; limitava-se a dizer: «É preciso deixar às crianças a possibilidade de se exprimirem.»

«Praticamente, não vejo o meu pai desde os 15 anos. Até essa idade, eu e o meu irmão (que hoje é fotógrafo, casou e vive em Nova Iorque) íamos todos os anos passar o Verão com ele, em Cannes. Mas um dia fechou-nos a porta na cara, não mais nos quis ver. Tentei falar-lhe pelo telefone, escrevi-lhe, mas nunca obtive resposta. Provavelmente, não voltarei a vê-lo.

«Não sei o que se passou. Alguém deve ter contado ao meu pai enormes mentiras sobre mim e o meu irmão e, possivelmente, ele tomou-as por verdadeiras. Apesar de tudo, adoro o meu pai e só queria uma coisa na vida: voltar a vê-lo e abraçá-lo, como quando era pequena.»



O desenho de Picasso (representando a sua filha Paloma nos braços da mãe, Françoise Gilot) que tanto impressionou Miguel Berrocal

OS «SETE MANDAMENTOS»

PARA UMA VIDA MAIS LONGA

Segundo um velho provérbio que existe em quase todas as línguas, «quando se tem felicidade e saúde, não se pensa em conservá-las». E a verdade é que, geralmente, só começamos a pensar na saúde quando contraímos uma grave doença. Então, corremos para o médico e seguimos mais ou menos atentamente as prescrições do «doutor». Ou então caímos em nós e tiramos as nossas próprias conclusões.

São numerosas as pessoas já de idade que nunca pensaram no seu organismo. Nunca é demasiado tarde na época actual, em que o trabalho de investigação biológica dos últimos 10 anos trouxe a prova de que o homem não morre normalmente antes de ter atingido 100 a 120 anos. Na maior parte dos casos, morre de doenças que eram evitáveis. As directivas dadas em colaboração por 160 médicos da Organização Mundial da Saúde revelaram várias possibilidades de ultrapassar os 70 anos.

Desde que o ser humano começou a pensar na fragilidade da sua existência terrestre, não mais deixou de procurar o elixir da vida. Outrora, os alquimistas preparavam para o homem que envelhecia a bebida mágica. Hoje, são os biólogos, os fisiologistas e os botânicos que se tornam «responsáveis», se o fio da nossa vida se quebra prematuramente. Eles são muitas vezes considerados os alquimistas do nosso tempo.

Quando examinaram os meios eventuais de atingir uma idade avançada, os investigadores japoneses, que nos primeiros tempos da gerontologia foram tão falados, chegaram à convicção de que todos os homens morrem demasiado cedo.

Todos os mamíferos vivem, em média, 5 vezes mais do que o período desde o crescimento à maturidade. Como o homem só atinge esta maturidade entre os 18 e os 25 anos, a duração da vida deve-

ria estender-se até aos 100 ou 125 anos.

DORMIR DIAS E SEMANAS A FIO

As degradações mais graves de que sofre um organismo humano no decurso da sua existência são provocadas pela falta de compensação do desgaste progressivo e, sobretudo, pela falta de sono. No século XIX, depois de ter examinado centenas de doentes, o médico alemão Karl Ludwig Schleich declarou: «O homem devia passar metade da sua vida a dormir sem a menor preocupação. Gozaria muito mais a outra metade da sua existência.» Os investigadores americanos e russos que tinham adormecido animais num sono artificial, durante um período de tempo variável, apoiaram esta teoria: o homem poderia acrescentar 30 ou 40 anos à sua vida, se consagrasse, de vez em quando, dias inteiros e mesmo semanas a um sono prolongado.

Há séculos, alguns médicos tiveram a ideia de rejuvenescer o homem dando-lhe a beber sangue jovem, sangue de jovens animais.

Na prática chinesa de rejuvenescimento reduzia-se a bocados os órgãos de animais jovens — aqueles órgãos que julgava poderem atrasar no homem a aparição da idade. Aos doentes, às pessoas fracas, às pessoas de idade e aos velhos dava-se a comer fígado e cérebro esmagados, coração triturado, e obtinham-se resultados positivos.

Há alguns anos, atribuíam-se a vitória aparente à clorofila, aos extractos hormonais e às vitaminas. Os resultados obtidos pela transplantação de glândulas e outras substâncias activas foram um êxito prometedor no princípio, mas que deixaram insatisfeita a curiosidade dos cientistas. Estes procuraram vias mais simples, pressentindo a existência de outras substâncias activas cuja contribuição seria para as glândulas, para cada órgão e para os tecidos em geral um incitamento a uma regeneração eficaz. Che-

gou-se assim à descoberta da procaína que, graças ao KH3, conheceu o êxito clínico em 42 países.

OS «SETE MANDAMENTOS» PARA UMA VIDA LONGA

Com base nas directivas da Organização Mundial da Saúde, citamos sete regras que oferecem ao homem a possibilidade de alongar a sua vida, mantendo ao mesmo tempo um organismo saudável.

1. Verificar o peso todos os 15 dias, sabendo que, depois dos 50 anos, um excedente de 10 quilos abrevia geralmente a existência em cerca de 10 anos.

2. Dividir o dia, na medida das suas possibilidades, por um repouso de meia hora, que poderá situar-se imediatamente após o trabalho, se as ocupações profissionais não deixam nenhum período intermédio livre.

3. Evitar ingerir quantidades excessivas de gorduras e dar a preferência às gorduras vegetais, manifestamente menos nocivas que as gorduras animais.

4. Andar a pé todos os dias, entre 15 e 30 minutos, mas evitar os desportos e os exercícios difíceis e rudes. Está provado que os grandes desportistas raramente chegam a velhos.

5. Evitar a todo o custo suprimir a carne da sua alimentação. A carne evita o envelhecimento. É mais difícil para um organismo renunciar à carne do que para o corpo suportá-la e assimilá-la.

6. Comer muitos legumes. Beber frequentemente sumo de limão, mas sem ultrapassar um a dois limões por dia.

7. Comer muita fruta e mel.

Estas são algumas directivas que podem seguir-se sem demasiado esforço na vida quotidiana. A prática ensina efectivamente que o homem se dobra facilmente às recomendações que não lhe são desconfortáveis!

Recuar o avanço da idade é, para a investigação, o imperativo mais urgente, cuja realização pode ser atingida pelo estímulo das forças bioquímicas das células. A fisiologia moderna aconselha a começar muito cedo a luta contra os sintomas da velhice. É um princípio fun-

damental aquele segundo o qual «o primeiro passo para a morte se dá no primeiro dia da vida humana».

COMO ULTRAPASSAR OS 80 ANOS

Segundo as experiências gerontológicas, reunidas pelo dr. Victor Bogomoletz, os homens que observam os seguintes factores podem prolongar a sua vida até mais de 80 anos:

- Adaptação da alimentação, que deve ser modificada segundo um plano quinquenal estabelecido por um especialista da nutrição;

- Manutenção de uma duração normal do sono, que não deve em

algum caso ultrapassar nove horas por dia;

- Prover diariamente o organismo de oxigénio e ar fresco, que não se deve limitar a um simples arejamento do apartamento;

- Tonificação geral do organismo, utilizando a raiz de ginseng (asiática), outros tónicos como a melissa, o visco e o espinheiro-alvar, as vitaminas B e E.

Só assim é possível viver sem que o avanço na idade se torne um fardo. Mas é preciso não descurar um factor muito importante: uma actividade interrompida ou uma inaptidão para o trabalho são altamente prejudiciais, porque condu-

zem à paralisação das funções físicas e psíquicas.

Todos os anos, ou quase, a geriatria traz uma surpresa ou uma novidade, geralmente de curta duração. Geriatria e gerontologia esforçam-se principalmente por prevenir a eventualidade um terço da população da Europa Ocidental vir a morrer prematuramente de doenças influenciadas, de uma maneira ou de outra, pela nutrição: doenças de estômago, de intestino, de fígado e da vesícula, pressão sanguínea demasiado elevada, enfartes e arteriosclerose.

As terapêuticas modernas podem ser eficazes, quando seguidas com todo o cuidado. Mas, evidentemente, ainda há muito para descobrir no campo do rejuvenescimento humano.

«Quem canta seus males espanta»

A MÚSICA AJUDA A MEDICINA A CURAR VÁRIAS DOENÇAS

A utilização da música na terapêutica médica era considerada ainda há pouco um ilusório expediente para aliviar as dores ou uma inócua tentativa para distrair o paciente dos seus tristes pensamentos. De há alguns anos para cá, porém, a «musicoterapia» impôs-se à atenção de muitos médicos e agora existem, em todo o mundo, centros de estudo para aprofundar as investigações sobre os efeitos que os diferentes tipos de música podem ter sobre o doente.

Um destes centros, talvez o mais famoso, foi fundado recentemente em Salzburg, pelo célebre director de orquestra Herbert von Karajan, que utilizou todos os meios materiais ao seu alcance para construir um complexo de laboratórios modernamente equipados, destinados aos docentes





da clínica neurológica da universidade austríaca. Nesses centros de investigação procura-se definir sob um ponto de vista rigorosamente científico, quais as possibilidades dessa insólita terapêutica que seria a música.

Evidentemente, os efeitos da música sobre o organismo variam de indivíduo para indivíduo e não podem ser definidos por regras gerais; de facto, dificilmente dois ou três pacientes apresentam condições físicas idênticas e um quadro psicológico comum. Por outro lado, é necessário conhecer o motivo melódico a aplicar, pois os efeitos da música (clássica ou ligeira) variam em relação com o ritmo. Está provado que uma música «lenta» tem um efeito positivo sobre o nervo vago (entre outras coisas, diminui o ritmo cardíaco, estimula as secreções das glândulas salivares e lacrimais), enquanto um ritmo vivo e brilhante exerce uma acção simpático-mimética, cujos efeitos são diametralmente opostos.

Além do ritmo, também a altura do som tem imensa importância: um trecho mu-

sical, tocado com força, pode provocar em certas pessoas a desagradável sensação de um duche de água fria, com reacções prejudiciais. Pode dizer-se, porém, que o ritmo constitui a base da musicoterapia.

Muitos pacientes são convidados a escutar trechos «vivos» não tanto para provocar neles uma forma de exaltação, mas para os induzir a «participar», por exemplo, a acompanhar o ritmo. Pode dar-se um exemplo convincente desta nova terapêutica tocando um trecho musical para um indivíduo que sofra de perturbações cerebrais, isto é, desordenado em quase todas as expressões da sua vida vegetativa. Neste caso, após um período de escuta mais ou menos prolongado, o paciente mostrará ter assimilado o ritmo, coordenando instintivamente os movimentos naquela cadência e acabará por pedir mais música como um remédio indispensável e agradável.

É do conhecimento geral o efeito que a música exerce sobre os cegos e como estes cultivam as mais puras melodias; o ruído provocado pelas orquestras «beat» não lhes

agrada; pelo contrário, têm necessidade de uma música calma que distenda os espíritos e dê uma viva sensação de protecção e de segurança.

Se um cego aprende a tocar um instrumento, o tormento interior que deriva da sua enfermidade pode atenuar-se e até desaparecer, porque o indivíduo se considera auto-suficiente, na medida em que está convencido de que, além de tocar para os outros, pode ouvir música sem pedir o auxílio de ninguém.

Em que campos da medicina se pratica a musicoterapia? Esta forma de terapêutica pode interessar não só o neurologista, mas também o obstetra, o cirurgião e o ortopedista. No que se refere aos doentes, vimos já a influência benéfica que um trecho musical pode exercer sobre os doentes cerebrais; entre estes, as crianças afectadas por perturbações de comportamento demonstram, de maneira evidente, sentir os efeitos estimulantes e relaxantes de um trecho musical. Se uma criança com deficiências cerebrais aprende a tocar um instrumento será, certamente, levada a tocar com outras crianças, desenvolvendo assim o seu instinto social.

Alguns dentistas americanos, antes de uma intervenção breve mas dolorosa, propõem a audição de um trecho musical, que o paciente escuta por meio de auscultadores; o médico dentista regula o volume do som em medida proporcional à intensidade da dor que irá provocar.

Em muitas clínicas dos Estados Unidos a musicoterapia é praticada como auxiliar da anestesia, em especial nas intervenções cirúrgicas com anestesia local. No Japão e nos Estados Unidos, a música encontra uma larga aplicação no campo da obstetria: as mulheres que se preparam para ser mães pedem de preferência músicas em tom elevado porque sabem que as suas dores não são leves. Mas logo a seguir ao parto gostam de escutar trechos delicados.

Nestas clínicas de vanguarda, os discos mais tocados são a «Ave Maria» de Schubert e de Gounod, trechos em que predominam o violino e o piano. De facto, estes dois instrumentos constituem a base da musicoterapia e podem ser utilizados em medicina como dois medicamentos preciosos.

BERNARDO DA HOLANDA

queria ser o futuro rei... do Mercado Comum

Bernardo da Holanda, príncipe consorte da rainha Juliana, propôs a sua candidatura para o «trono do Mercado Comum», suscitando a ironia de todo o mundo e a ira do Parlamento holandês.

Parece inacreditável, numa personagem sobre cujos ombros impendem tantas responsabilidades, mas a verdade é que Bernardo da Holanda e Lippe Biesterfeld, o príncipe consorte da rainha Juliana, dos Países Baixos, propôs a sua candidatura para rei do Mercado Comum! E não só: em breves mas bem claras declarações concedidas a um autorizado jornal de Roterdão o «Nieuwe Rotterdamsche Courant», deu uma ideia do que, na sua opinião, deveria ser o novo estatuto da Europa unida e... monárquica.

Segundo o príncipe Bernardo, sobre a Europa unida deveria governar um gabinete investido de plenos poderes. O gabinete deveria apresentar às Câmaras o seu relatório de dois em dois anos e, quando não obtivesse a maioria, deveria demitir-se. *«Digo isto — afirmou o príncipe, com notável desenvoltura — por compaixão pelos Governos europeus que vejo, em todas as nações, em constantes dificuldades, devido às frequentes consultas dos seus parlamentos rebeldes.»*

Quanto à função do monarca, o príncipe Bernardo afirma que deveria absorver, sobretudo, questões de «relações públicas». Declarou-se convencido de que ninguém estará mais apto para desempenhar tal cargo do que um rei, educado desde a mais tenra idade «segundo certos esquemas» e certamente «treinado, mais do que qualquer outro», para «levar uma vida pública».

«Um rei — prosseguiu o príncipe Bernardo ilustrando a sua ideia — seria, além disso, um chefe neutral para a Comunidade Europeia, verdadeiramente acima das partes, acima de todo o interesse nacional e, ao mesmo tempo, apto a garantir a unidade. Finalmente — concluiu o príncipe —, a História prova que viria a custar muito menos que um presidente da República.»

Este último pormenor, pensava evidentemente Bernardo, atrairia as simpatias das multidões; mas enganou-se. O seu «discurso» sobre a nova Europa» e a sua «candidatura para o tro-

no do Mercado Comum» atraíram sobre a corte holandesa bem poucas simpatias e um dilúvio de críticas, algumas bastante mal-intencionadas e muitas delas sarcásticas.

O Parlamento holandês reu-

Coroa e o Parlamento verificadas até agora;

3) As propostas são consideradas inaceitáveis e ainda ofensivas para a vida democrática do país;

4) Exige-se uma promessa formal de que não voltará a repetir-se um incidente do género.

O «discurso» foi comentado no estrangeiro com menos dureza mas com maior ironia. A se-



niu-se e votou, por esmagadora maioria (130 dos 150 votos), um documento em que se pedia ao primeiro-ministro que fizesse ao príncipe as seguintes comunicações:

1) As suas considerações eram contrárias ao espírito e à letra da Constituição holandesa;

2) Semelhantes tomadas de posição eram imperdoáveis, dadas as boas relações entre a

guinte declaração de um estadista alemão pode considerar-se reveladora do eco suscitado na Europa por essa inusitada candidatura: *«O bom Bernardo não tem culpa da sua arteriosclerose; o mais culpado, por este episódio, no fundo divertido, é o Parlamento holandês: os seus deputados não sabem ainda que nunca se deve tomar a sério as originalidades dos velhos?»*

O MELANCÓLICO DECLÍNIO DE CASSIUS CLAY

Cassius Clay, o atleta que há alguns meses reunia meio mundo em frente dos televisores, conseguiu fazer ruir o seu mito mesmo antes de ter abandonado oficialmente o boxe. Nas entrevistas em que é muito pródigo, repete até à monotonia que há-de desfazer Joe Frazier e lança «slogans» do tipo «Frazier durará menos tempo do que eu porque é mais feio do que eu». Quem se recorda do desafio do Inverno passado e observa hoje o estado a que Clay se encontra reduzido pode ter sérias dúvidas sobre a consistência destas afirmações.

Na viagem que realizou recentemente pela Itália, Clay cometeu actos estranhos que desconcertaram toda a gente. Uma manhã, quando se encontrava num antiquário, em Milão, sentou-se num divã estilo Luís XV, mesmo em frente da vitrina, e mandou vir o almoço: quatro sanduíches e três coca-colas. Depois começou a comer e, sob o olhar horrorizado do antiquário, limpou as mãos ao tecido do sofá.

Uma tarde dirigiu-se a uma galeria de arte (porque queria comprar quadros) e, para se convencer da veracidade de um quadro, começou a passar as suas enormes mãos pela tela. A seguir, com as unhas, tentou raspar a assinatura para se assegurar de que «não fora pintada por um falsário».

Quando passeava de automóvel pelas ruas de Génova, mostrava os punhos aos passantes com um ar bas-

tante ridículo. E cada vez que via um negro, ordenava ao motorista que parasse, saltava do carro e corria a abraçar o irmão de cor.

Nesta «tourné» fez-se acompanhar de um estranho personagem, um tal Art Mondir, um filósofo tunisino que lhe pega no rosto com ambas as mãos e lhe sussurra palavras em tom misterioso. Parece que Clay lhe obedece como um cordeirinho. O último exemplo do extraordinário ascendente que este pitoresco personagem exerce sobre Clay foi obtido quando a televisão italiana pediu a Clay uma entrevista. Aconselhado pelo seu manager, Clay respondeu negativamente. Depois Art Mondir interveio e ordenou-lhe que fosse à televisão falar da sua fé religiosa. Mohammed Ali respondeu «Sim, senhor».

No átrio do hotel onde estava hospedado, Clay ofereceu um espectáculo extraprograma deveras estranho: durante um quarto de hora esteve com o seu enorme polegar enfiado no nariz, depois sentou-se numa poltrona e começou a cortar as unhas. Antes de se levantar, como tivesse comichão nas costas, começou a esfregar-se tranquilamente contra as costas da cadeira.

Uma conversa jocosa com um fotógrafo esteve prestes a transformar-se em rixa: o pugilista sustentava que a velocidade dos seus punhos era muito superior à do «clic» da máquina fotográfica. O desafio suscitou comiseração.

A série de extravagâncias de Cassius Clay não ficou por aqui. Uma testemunha ocular referiu uma discussão entre o pugilista e um nigeriano. Este último acusava o ex-campeão do mundo de desprezar a sua gente desde que fez fortuna. Uma acusação certamente infundada que o deveria deixar indiferente, atendendo sobretudo à elevada taxa etílica do interlocutor. Pelo contrário, Clay não perdeu a ocasião para fazer barulho e atrair sobre si as atenções de toda a gente.

É a triste decadência do maior «boxeur» de todos os tempos. Ninguém podia prevêê-lo: Clay ganhou somas astronómicas e não tem, certamente, necessidade de dinheiro para assegurar uma velhice feliz. Mas, além de um pugilista incomparável, Clay dera de si a impressão de ser um homem inteligente, empenhado no plano político, sinceramente disposto a sacrificar-se em nome de um ideal.

Prova-o a obstinação com que recusou prestar serviço militar, embora correndo o risco de perder o título mundial que detinha e, com ele, somas fabulosas. Quando era campeão dos pesos pesados perdoavam-se-lhe todas as atitudes estranhas, que eram consideradas com extrema benevolência. Parecia que faziam parte de um papel estudado, que pretendia manter sempre o pugilista na ribalta, na véspera dos grandes encontros.



Cassius Clay e sua mulher num restaurante